

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
LUANA CAROLINA RIBEIRO TUCCI**

**REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER PORTUGUESA NA  
REVISTA 'ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA' (1906-1909)**

**CURITIBA/2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
LUANA CAROLINA RIBEIRO TUCCI**

**REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER PORTUGUESA NA  
REVISTA ‘ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA’(1906-1909)**

**Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito para a conclusão do Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseli Terezinha Boschilia.**

**CURITIBA/2013**

## RESUMO

A presente pesquisa analisa a figura feminina na sociedade portuguesa do início do século XX, a partir da análise da revista “Ilustração Portuguesa”. Esta revista foi editada em Portugal, por José Joubert Chaves e circulou semanalmente no período entre 1906 e 1923. Em seu conteúdo apresenta temáticas bem diversificadas a respeito da sociedade portuguesa e para este estudo foram selecionadas, as matérias que privilegiam o universo feminino. O objetivo deste projeto foi o de analisar as representações trazidas pela revista sobre a mulher portuguesa, especialmente no que se refere aos hábitos, costumes e ao comportamento social que delas era esperado, de modo a entender, a partir dos discursos divulgados pela revista, qual era o lugar reservado às mulheres na sociedade portuguesa. Para este fim foram analisados os exemplares que cobrem o período entre 1906 e 1909. Quanto aos referenciais teóricos, este estudo está ancorado na perspectiva dos estudos de gênero, com base nas reflexões de Scott e Bruschini e, além disso, busca sustentação nos conceitos de representação, elaborado por Chartier. O contexto da primeira década do século XX em Portugal foi abordado, a partir dos estudos de Mirian Halpner, tendo como pano de fundo as questões econômicas e sociais que motivaram o fenômeno imigratório, um aspecto de extrema relevância neste trabalho. No que se refere à metodologia, a documentação pesquisada foi classificada por temáticas condizentes com os assuntos abordados pela revista, dentre as quais se destacam: a presença da mulher no espaço familiar e no trabalho, a imagem da mulher portuguesa a partir de comparações com mulheres de outras nacionalidades, além de outras matérias voltadas a assuntos diversos como a moda, a beleza e os limites da liberdade feminina.

Palavras-chave: imigração portuguesa, gênero, representação.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>5</b>  |
| <b>1.0 A ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA E ABORDAGEM METODOLÓGICA DAS FONTES LITERÁRIAS.....</b>        | <b>7</b>  |
| 1.1 A UTILIZAÇÃO DE REVISTAS COMO FONTE: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA.....                      | 7         |
| 1.2 O FENÔMENO DAS REVISTAS ILUSTRADAS.....   | 11        |
| 1.3 A REVISTA ‘ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA’ .....   | 15        |
| <b>2.0 IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO INÍCIO DO SÉCULO XIX E AS DEFINIÇÕES DE REPRESENTAÇÃO.....</b> | <b>20</b> |
| 2.1 PORTUGAL E A CRISE DO INÍCIO DO SÉCULO XIX.....   | 20        |
| 2.2 A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL.....   | 23        |
| 2.3 AS MULHERES NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO.....   | 26        |
| 2.4 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO.....  | 27        |
| <b>3.0 AS MULHERES NA REVISTA ‘ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA’: UMA QUESTÃO DE GÊNERO.....</b>         | <b>30</b> |
| 3.1 NOVA HISTÓRIA CULTURAL E A INSCERÇÃO DOS ESTUDOS DE GÊNERO.....                           | 30        |
| 3.2 AS MULHERES PORTUGUESAS NA REVISTA ‘ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA’ .....                          | 32        |
| 3.3 A DICOTOMIA ENTRE O NORTE E O SUL DE PORTUGAL.....  | 37        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>42</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>44</b> |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sobre a figura feminina na sociedade portuguesa do início do século XX, mais especificamente o período entre 1906 e 1909, a partir do estudo da revista “Ilustração Portuguesa”. As representações criadas sobre estas mulheres encontradas nesta revista foram abordadas a partir dos conceitos de representação elaborados por Chartier e também sob a perspectiva dos estudos de gênero.

Este trabalho insere-se também na área de estudos relativos à imigração para o Brasil, pois se estima que entre 1822 e 1950 mais de 1.200.000 portugueses chegaram ao Brasil e 80% deste contingente, ou seja, aproximadamente 960 mil seriam do norte de Portugal. Este grande número de imigrantes gerou forte impacto social e econômico para a sociedade portuguesa como um todo, inclusive para as mulheres.

No primeiro capítulo deste trabalho pretende-se apresentar a fonte utilizada, ou seja, a revista ‘Ilustração Portuguesa’, quais suas características e temáticas mais recorrentes e também qual a importância da revista para sociedade portuguesa, bem como para os países para onde a revista era enviada, sendo o Brasil um deles. Apresentar um panorama geral sobre o estudo com revistas ilustradas. Apontar o objetivo da pesquisa em analisar as matérias selecionadas relacionadas à mulher portuguesa. Neste capítulo, em virtude da natureza da fonte escolhida ser literária, será realizada também uma discussão historiográfica com a intenção de compreender o diálogo que vem se estabelecendo entre os campos da literatura e história.

A partir do segundo capítulo o recorte temporal será delineado e contextualizado contextualizado principalmente no que diz respeito à imigração portuguesa para o Brasil, tratando das questões sociais e econômicas geradas por este processo migratório. A questão da imigração será relacionada com a necessidade de construir uma identidade nacional em Portugal, para tratar destas questões de construção de identidade e representação serão utilizados os estudos de Roger Chartier.

Por fim, no último capítulo serão apresentadas as representações das mulheres portuguesas encontradas na revista, estas representações serão analisadas a partir da perspectiva dos estudos de gênero.

No que diz respeito aos aspectos práticos da metodologia foi feita uma seleção das matérias do período proposto para análise, as matérias selecionadas por tratarem de assuntos relacionados de alguma forma à mulher portuguesa e seu espaço na sociedade foram lidas e fichadas. Com o objetivo de organizar estes fichamentos e redigir o trabalho com clareza estas fichas foram classificadas por temáticas como, por exemplo, a presença da mulher no espaço familiar e no trabalho, a imagem da mulher portuguesa a partir de comparações com mulheres de outras nacionalidades, além de outras matérias voltadas a assuntos diversos como a moda, a beleza e os limites da liberdade feminina.

A dicotomia entre norte e sul encontrada será relacionada com o texto de José Manuel Sobral para demonstrar que esta dicotomia era uma idéia difundida por diversos setores da sociedade portuguesa no período estudado.

## 1.0 A ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA E ABORDAGEM METODOLÓGICA DAS FONTES LITERÁRIAS

### 1.1 A UTILIZAÇÃO DE REVISTAS COMO FONTE: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sobre a figura feminina na sociedade portuguesa do início do século XX, mais especificamente o período entre 1906 e 1909, a partir do estudo da revista “Ilustração Portuguesa”.

Sendo as revistas, consideradas fontes impressas literárias para o campo da história, é de fundamental importância discutir estes aspectos a partir dos seus respectivos estudos teórico-metodológicos. Faz-se necessário atentar para o fato de que a revista ‘Ilustração Portuguesa’ estava atrelada ao jornal português ‘O Século’ e sendo também a própria revista um meio de comunicação impresso é inegável a alta relevância dos estudos que abordam a relação entre história e a imprensa para a presente pesquisa.

No campo da história podemos perceber que a utilização de materiais da imprensa esta cada vez mais recorrente como material de pesquisa para os mais diversos temas e problemáticas, quebrando assim o paradigma criado, em um momento de perspectiva mais positivista da história, de que a imprensa era uma fonte suspeita pelo fato de apresentar problemas de credibilidade.<sup>1</sup> É possível entender a imprensa como portadora da função de porta-voz da sociedade, a partir da análise de uma fonte deste gênero pode-se perceber como os acontecimentos são captados no momento em que ocorrem.

Primeiramente é necessário compreender que uma fonte de imprensa normalmente constitui um texto ‘*que contém muitos significados*’<sup>2</sup> e como todo texto narrativo resguarda certa autonomia criativa, pode se afirmar que

a imprensa tem suas próprias ‘verdades’, veiculadas pelos redatores, pela sensibilidade dos jornalistas, dos colaboradores e de todos aqueles que integram

---

<sup>1</sup> CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa in: **Projeto História**, São Paulo, nº35 p. 253-270, 2007

<sup>2</sup> MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**, Porto Alegre: Faculdade de Educação - PUCRS/Curso de Pós-Graduação, 1999, p. 10-12.

seu universo representacional e significações temporais contextualizados em uma conjuntura histórica.<sup>3</sup>

Outro ponto a ser destacado é o caráter simbólico da mensagem da comunicação, sendo que para compreender estes símbolos é preciso tratar do contexto, ou seja, *“além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem.”*<sup>4</sup>

Podemos compreender a imprensa como uma fonte através da qual é possível encontrar indícios sobre a maneira como uma comunidade enxergava-se; sobre que perspectivas e valores em geral norteavam a sua adesão a uma determinada representação da realidade. Ao tratar da metodologia utilizada para analisar materiais impressos é importante atentar também para a própria configuração do veículo de comunicação *“seus conteúdos e formas, as convenções sobre como deve ser feito ou o que deve conter um determinado jornal ou revista são negociados social e culturalmente, num espaço de um diálogo conflituoso sobre o fazer imprensa a cada momento histórico”*<sup>5</sup>

Ainda no que diz respeito ao tratamento teórico metodológico da fonte impressa deve se analisar com cuidado questões como iconografia, ou seja, ilustrações, fotos, desenhos, charges ou gráficos que, ao buscar transparecer a posição editorial em outra linguagem, podem reforçar ou entrar em choque com a abordagem textual. Por último há que se levar em consideração a publicidade, pois os anunciantes e os espaços ocupados por estes podem indicar a articulação da publicação com determinados interesses empresariais e comerciais da conjuntura estudada.

Deve se atentar, no entanto, para o fato de que existem categorias diferentes de publicações que são enquadradas como fontes impressas, a fonte utilizada para a realização deste trabalho é classificada como uma revista literária este tipo de publicação difere em vários aspectos do jornal comum, como, por exemplo, a periodicidade deste gênero pode ser semanal, mensal, trimestral, etc, diferentemente do jornal que tem publicação diária. Outros pontos de distanciamento entre jornais e revistas literárias de fundamental

---

<sup>3</sup> MACHADO, P. Ironita. **História e Imprensa:** um olhar sobre o olhar do Semanário A voz da Serra. p.156

<sup>4</sup> MORAES, Roque. op. cit. pg. 10-12.

<sup>5</sup> CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa in: **Projeto História**, São Paulo, nº35 p. 253-270, 2007

importância são relativos ao formato, à qualidade gráfica e aos assuntos abordados. Ao tratar das revistas literárias portuguesas no século XX Daniel Pires descreve o conteúdo destas como *“um testemunho elucidativo de uma época, do pulsar do tecido social, das suas contradições, das ambições e limitações que a rodeiam, dos mecenas, da cultura em sentido lato, de uma determinada ordem social”*<sup>6</sup>. Este mesmo autor apresenta a relevância destas publicações, ao afirmar que estas revistas constituem de complementos indispensáveis para a compreensão de uma época, são vetores de confrontação com demais tipos de documentos, além de experimentarem novas idéias e formas.

Identificadas por títulos como Revista de Variedades, Revista Ilustrada e Revista Literária, entre outros, as revistas semanais, assim como os jornais da época, reservavam espaços freqüentes para temas de grande apelo popular, ou mesmo para modismos, alterando em razão dos mesmos seus títulos para Revista Esportiva, Literária, ou de Humor, mesmo quando o conteúdo não correspondia exatamente aquilo que estava sendo anunciado.<sup>7</sup> Diferenciam-se dos jornais diários especialmente no que diz respeito à relação entre fato e tempo, sendo que os jornais procuram acompanhar o ritmo dos acontecimentos dia-a-dia, já as revistas destacam somente os temas de maior apelo, que chamaram a atenção durante a semana no âmbito das artes, da política e do esporte. Segundo Sodré, a revista, em seu conceito clássico, *“é uma extensão da imprensa diária, com os objetivos de comentar e opinar sobre diversos assuntos diferindo do jornal por ser visualmente sofisticada e com textos que lançam mão de uma maior criatividade.”*<sup>8</sup>

Considerando, desta forma, a fonte escolhida como uma revista literária é fundamental compreender as relações entre a história e a literatura. A respeito do diálogo que vem se estabelecendo e se consolidando entre os campos da literatura e da história principalmente nas últimas décadas, impulsionado pelo movimento da Nova história cultural é importante destacar que

---

<sup>6</sup> PIRES, Daniel. **Dicionário das Revistas Portuguesas do século XX**. Lisboa. Editora Contexto Lda., 1986. p. 19

<sup>7</sup> ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. **Uma nova forma de ver o mundo: As revistas ilustradas semanais**. Fato e Versões. Uberlândia. 1995. p.42.

<sup>8</sup> SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem; notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

Estes dois campos que haviam sido separados por exigências de uma ciência histórica, preocupada em delimitar um campo propriamente historiográfico, que se baseasse numa pretensa cientificidade histórica contrária ao que fosse imaginação ou ficção contemporaneamente tem sido alvo de um frutífero debate que busca estabelecer quais as suas interseções, seus cruzamentos e mediações.<sup>9</sup>

Tanto a história como a literatura se ocupam da construção de narrativas que tem o real como referência, ou seja, estas narrativas são representações que se referem à vida e tentam explicá-la, portanto, ambas constituem sistemas de significação pelos quais são estabelecidos sentido ao passado.

A diferença entre o discurso literário e histórico está no ponto em que a história constrói sua narrativa embasada em documentos e fontes confiáveis, enquanto que a literatura não necessita se justificar quanto à veracidade de sua narrativa. A expansão do conceito de fontes proporcionado pela Nova História Cultural, tratando a literatura como fonte histórica, ampliou os horizontes dos historiadores, principalmente aqueles que focam suas pesquisas em elementos sociais e culturais das relações humanas, pois a utilização deste material permite ao historiador apreender elementos de um universo sócio cultural a partir de uma fonte repleta de representações e significações permitindo novas formulações, abordagens e questionamentos sobre os padrões estabelecidos.

Segundo Sevcenko, a produção literária possui um forte elo com o tempo, espaço e condições sócio-culturais onde foi elaborada e esta é capaz de proporcionar ao historiador a revelação de um cotidiano para além do cotidiano dos vencedores fazendo alusão a sujeitos que reelaboram sua prática social e se transformam em realizadores de sua própria história.

Tomar a literatura como fonte exige uma análise atenta levando em consideração suas especificidades. Ginzburg ressalta o fato de que cada sociedade trabalha com uma série de princípios e signos, os quais são muitas vezes involuntários, e não são percebidos no cotidiano de seus contemporâneos, no entanto a partir da análise do historiador estes elementos encontrados nas entrelinhas das produções são examinados e relacionados com o contexto sócio cultural estudado.

A partir da abordagem de Chartier podemos perceber que o conceito de representação torna-se de suma importância para a aproximação entre história e literatura, levando em

---

<sup>9</sup> KRAMER, Lloyd S. **Literatura e Imaginação Histórica**: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra. In: A nova História Cultural. São Paulo Martins Fontes, 1992. p. 97.

consideração que a literatura pertence ao campo das representações e cabe ao historiador reinterpretar o encontro entre o universo dos textos e dos leitores, e como esses leitores incorporam e se apropriam de diferentes formas dos textos de acordo com os momentos históricos. Por fim, podemos entender que a literatura cumpre seu papel como fonte ao fornecer aspectos para a construção de uma versão da verdade dos fatos, desde que, seja analisada com a perspectiva de que as representações encontradas não constituem um reflexo do real nem o oposto, mas que são representações historicamente construídas que colocam em campo forças que se relacionam e definem o imaginário acerca do real como construção social.

## 1.2 O FENÔMENO DAS REVISTAS ILUSTRADAS

Antes de começar a abordagem dos aspectos da revista ‘Ilustração Portuguesa’, existem ainda alguns pontos importantes a serem abordados. Primeiramente é interessante salientar que este tipo de publicação não foi um fato isolado que se deu em Portugal, mas que revistas de assuntos diversos, de caráter informativo e com muitas ilustrações foram um fenômeno que pode ser observado em vários países não só da Europa, mas também na América, entre fins do século XIX e início do XX, inclusive grande parte destas revistas também recebia o título de Ilustração.

Será realizado agora um apanhado geral deste tipo de publicação para se ter uma visualização da amplitude que estas revistas ilustradas tiveram neste período. É importante ressaltar que esta difusão de revistas ilustradas está intimamente relacionada com o advento da fotografia e das novas técnicas de reprodução da imagem.

A partir de meados do século XIX inicia-se a edição de publicações ilustradas, a primeira revista ilustrada, ‘The Illustrated London News’ surge em maio de 1842, e logo no ano seguinte, 1843, a ‘Illustration’ começa a ser publicada em Paris.<sup>10</sup> Mas é apenas nas últimas duas décadas do século XIX que as revistas ilustradas irão se espalhar por vários

---

<sup>10</sup> SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental**. Porto. 1998. p.19

pontos do globo surge a Illustrated American (Estados Unidos), a The Photographic News (Reino Unido) entre outras.<sup>11</sup>

Uma das revistas selecionadas para esta abordagem geral é a ‘La Ilustración Española y Americana’, a qual foi uma publicação periódica semanal que circulou entre o fim do século XIX e início do século XX, como seu próprio nome indica, não era vendida unicamente na península, mas chegava também a terras americanas onde tinha um grande número de assinantes. Em suas capas predominavam a informação gráfica e em sua descrição a revista se apresentava como ‘Periódico de ciências, artes, literatura, indústria e conhecimentos úteis’, a partir desta descrição pode-se perceber que este periódico se caracterizava pela profusão de ilustrações que representavam aspectos da vida cotidiana da Espanha e demais países onde a revista também era divulgada.<sup>12</sup>

No Brasil a proliferação das revistas ilustradas se deu, um pouco mais tarde, durante as duas primeiras décadas do século XX, em um contexto marcado pelo desejo de modernização urbana. Estas revistas apareceram com destaque em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre, Salvador e Curitiba.<sup>13</sup> Dentre as primeiras revistas ilustradas brasileiras estão O Malho, revista humorística de Crispim do Amaral, criada em 1902 e a revista Fon Fon criada e idealizada por Gonzaga Duque em 1907. Outra revista brasileira que merece destaque, principalmente pela interação com o público leitor é a revista Cruzeiro ‘Revista Semanal Ilustrada’ a qual surgiu em 1928, é interessante ressaltar que esta revista tinha em sua direção Carlos Malheiro Dias, o criador da Academia Portuguesa de História e fundador da revista ‘Ilustração Portuguesa’, a qual vem sendo analisada nesta pesquisa.<sup>14</sup>

Após tratar deste contexto externo no que diz respeito a expansão das revistas ilustradas, faz-se de necessário apresentar qual a situação da imprensa como um todo no

---

<sup>11</sup> SOUSA, Jorge Pedro. op. cit. pg.35.

<sup>12</sup> MÁRQUEZ, Miguel B. **Dr. Abelardo de Carlos y La Ilustración Española y Americana.** Âmbitos. Nº13-14. 2005 Universidade de Sevilla. P.7

<sup>13</sup> KAMINSKI, Rosane. **A formação de juízos de gosto:** Revistas ilustradas em Curitiba (1900-1920). Artigo integrante do projeto: Características históricas e estéticas das revistas publicadas em Curitiba no começo do século XX. p. 2665

<sup>14</sup> ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. **Uma nova forma de ver o mundo:** As revistas ilustradas semanais. Fato e Versões. Uberlândia.1995. p.49.

momento estudado e como se deu a proliferação destes periódicos em Portugal, para assim poder inserir a revista ‘Ilustração Portuguesa’ dentro deste contexto.

É possível afirmar que entre a virada do século XIX para o XX em Portugal a imprensa passou por um grande processo de expansão sustentado pela atualização dos meios técnicos, pela procura da informação e pelo lucro. No entanto esta expansão do jornalismo enfrentava a forte barreira da censura que foi intensificada no início do século sobre jornalistas e jornais que desafiavam a monarquia.

Os jornais incômodos eram judicialmente processados ou apreendidos, textos ou parte de textos censurados, alguns jornalistas e editores presos (por vezes em situação de incomunicabilidade) ou degredados. A vigilância policial parecia onipresente. Por vezes instalações dos jornais e as tipografias eram assaltadas pela polícia como aconteceu com os jornais O Século, A Vanguarda e O Progresso.<sup>15</sup>

Neste momento final da monarquia ocorreu uma radicalização das diferentes posições ideológicas existentes na sociedade portuguesa, isto acabou por se refletir nos jornais, o campo monárquico aliou-se à Igreja Católica e o campo republicano associou-se à maçonaria. Neste período vários periódicos passaram a adotar uma postura independente e noticiosa.<sup>16</sup>

No que diz respeito ao aspecto gráfico deste período a reportagem desenhada passa ser recorrente em periódicos como o Diário de Notícias, alguns anos depois a fotografia contornada vai se tornando a forma mais comum de ilustrações nos jornais portugueses.<sup>17</sup>

A respeito das revistas ilustradas, as primeiras tentativas de publicações deste gênero surgem a partir de 1847, ano em que a primeira revista deste gênero é publicada em Portugal, a revista ‘Ramallete’, surgiram também neste período a ‘Revista Popular’ e o ‘Panorama’, apesar destes periódicos apresentarem artigos bem escritos, as ilustrações destas revistas não passavam de clichês estrangeiros, característicos da primeira fase do romantismo, onde predominam as paisagens, as cenas populares, os heróis míticos, quadros

---

<sup>15</sup> SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história do jornalismo em Portugal** até ao 25 de abril de 1974. Universidade Fernando Pessoa. 1997 p. 50.

<sup>16</sup> SOUZA, Jorge Pedro. op. cit. p. 51.

<sup>17</sup> SOUSA, Jorge Pedro. op. cit. p. 60.

históricos e retratos, ou gravuras rudimentares.<sup>18</sup> A publicação de periódicos ilustrados facilitava a instrução popular e a divulgação didática e enciclopédica do conhecimento, as revistas ilustradas assumiam assim um papel de “veículos de civilização”, neste período o desenvolvimento técnico e científico eram uma das mais eloqüentes afirmações da moderna civilização e as temáticas educacionais eram inerentes a este progresso civilizacional.<sup>19</sup> Por volta de 1856 surgiu o ‘*Archivo Pittoresco*’, o qual se esforçou para levantar a arte da gravura em madeira, mas teve apenas onze volumes e teve seu fim em 1868. O ‘*Universo Ilustrado*’, publicado em 1877, também estampa algumas gravuras portuguesas, mas em diminuto número que não chama a atenção pública.

Depois de várias tentativas sem sucesso de introduzir no mercado português revistas ilustradas, em geral efêmeras dada a inexistência de técnicos gravadores que permitissem a sua sobrevivência, surge também em 1877 a revista ‘*Dois Mundos*’ publicada em Paris, em língua portuguesa, mas com gravuras estrangeiras. Esta revista despertou grande interesse do público, demonstrando que existia mercado para um periódico ilustrado. No entanto o fato deste periódico não ser produto da arte portuguesa, e sim parisiense, fazia com que este não tivesse a mesma significação nem interesse para o país ao qual se destinava. Quando isto acontecia já em Portugal havia elementos para se produzir uma revista ilustrada que afirmasse os progressos da arte portuguesa e por isso tivesse expressão nacional.<sup>20</sup>

A publicação de ‘*Dois Mundos*’ determinou o momento para se pôr em prática o que já vinha de algum tempo sendo planejado e no 1.º de Janeiro de 1878 aparece o ‘*Occidente, Revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*’ sendo um êxito imediato, já que poucas publicações terão sido acolhidas pelo público com o entusiasmo e interesse que o ‘*Occidente*’ despertou pela sua pertinência e qualidade. A autora Alda Santos problematiza o próprio nome desta revista ‘*Occidente*’ e associa este título a uma possível legitimação da participação portuguesa na civilização européia indiferente a posição marginal que ocupava, mostra ainda que o conceito de ocidente no século XIX estava diretamente ligado

---

<sup>18</sup> SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história do jornalismo em Portugal** até ao 25 de abril de 1974. Universidade Fernando Pessoa. 1997 p. 46

<sup>19</sup> SANTOS, Alda. **Occidente: imagens e representações da Europa**. Universidade de Coimbra, 2009. p.21

<sup>20</sup> SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história do jornalismo em Portugal** até ao 25 de abril de 1974. Universidade Fernando Pessoa. 1997 p. 50

a outros conceitos como Cristandade, Europa, Civilização e Progresso.<sup>21</sup> Seguindo os passos de Santos podemos questionar se o recorrente título Ilustração, presente em várias revistas periódicas, poderia também ter um duplo sentido, primeiramente o da ilustração no sentido literal, ou seja, relacionado ao grande número de imagens presentes nestas publicações e também ilustração como um conceito sinônimo de iluminismo, conceito utilizado para denominar uma série de tradições filosóficas no século XVIII na Europa que prezavam pelo desenvolvimento intelectual e racional além de criticar de modo geral o antigo regime, ou seja, o clero, a monarquia absolutista e o mercantilismo.

Após o sucesso da revista ‘Occidente’ apareceu um grande número de publicações ilustradas periódicas feitas em Portugal e no estrangeiro em língua portuguesa, entre elas ‘Museu Ilustrado’, ‘Semana Ilustrada’, ‘Atheneu Artístico Literário’, ‘Chronica Ilustrada’, ‘Portugal Pittoresco’, ‘Renascença’, ‘Jornal do Domingo’, ‘A Arte’, ‘A Arte Portuguesa’, ‘Ilustração Universal’, ‘A Ilustração’, feita em Paris, ‘Ilustração de Portugal e Brazil’, feita em Barcelona, ‘Revista Ilustrada’, ‘Revista Moderna’, ‘Correio da Europa’, ‘Brazil-Portugal’ e ‘Mala da Europa’.<sup>22</sup> É neste contexto de sucesso destas publicações ilustradas, testemunhado pelo surto que estas publicações conhecem que se dá a produção da revista ‘Ilustração Potugueza’ a qual será analisada neste trabalho.

Antes de entrar propriamente na análise das características da revista seguindo os conceitos anteriormente abordados deve-se salientar que durante o desenvolvimento desta pesquisa foram encontrados alguns trabalhos que se utilizaram da revista ‘Ilustração Portuguesa’ como fonte, estes foram úteis para encontrar dados particulares a respeito da revista como, por exemplo, número de tiragens, no entanto não foram encontrados trabalhos na área de História, o que faz com que as metodologias utilizadas nestes trabalhos fossem bem diversificadas, se comparadas a esta pesquisa.

### 1.3 A REVISTA ‘ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA’

---

<sup>21</sup> SANTOS, Alda. op. cit. pg. 6.

<sup>22</sup> SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história do jornalismo em Portugal** até ao 25 de abril de 1974. Universidade Fernando Pessoa. 1997 p. 52

A revista *Ilustração Portuguesa* é uma revista muito rica em imagens e fotografias assim a maioria dos trabalhos encontrados focava nesta área como, por exemplo, os trabalhos ‘*Ilustração Fotográfica: a fotografia e a revista Ilustração Portuguesa*’ e ‘*História da fotografia e sua aplicação na medicina*’. Foi encontrado também um trabalho na área de literatura intitulado ‘*As relações culturais e literárias em revista: A importância de Carlos Malheiro Dias e sua Ilustração Portuguesa*’ o qual destaca a importância deste jornalista na fomentação da relação entre Portugal e Brasil. E por fim também foi encontrada a pesquisa ‘*Cidades de Província e cultura provinciana: a construção das identidades urbanas entre os finais do século XIX e a alvorada do século XX*’ na área de Geografia, que utiliza a revista para analisar as representações dos espaços urbanos.

A revista “*Ilustração Portuguesa*”, como dito anteriormente, era vinculada ao jornal português “*O Século*” e tinha como objetivo retratar a vida social, política, artística, literária, esportiva e doméstica da sociedade portuguesa. Sua publicação foi de 1906 a 1924 e teve como editor José Joubert Chaves e como fundador Carlos Malheiro Dias.

A partir do início do século XX revistas ilustradas como a ‘*Ilustração Portuguesa*’ começam a excluir o desenho para privilegiar as fotografias, principalmente após 1910. Entretanto durante estes primeiros anos irão coexistir estes dois vetores da reportagem gráfica tanto nas revistas quanto nos jornais.<sup>23</sup>

A revista teve um papel de destaque na sociedade portuguesa, pode-se analisar esta questão a partir do elevado índice das tiragens, “a revista chegou a atingir o número de 24 mil exemplares em 1908, um feito notável em um país que tinha cerca de 5 milhões de habitantes e uma taxa de analfabetismo na ordem dos 80%”.<sup>24</sup> No entanto, deve-se levar em conta que embora fosse editada em Portugal, a revista “*Ilustração Portuguesa*” era distribuída para as colônias portuguesas e também para o Brasil e Espanha. Assim muitas instituições no Brasil, onde a presença de imigrantes portugueses era significativa neste período, recebeu exemplares da revista. Desse modo, a Biblioteca da Sociedade Portuguesa 1º de Dezembro, localizada em Curitiba, dispõe de parte da coleção da revista em seu

---

<sup>23</sup> SOUSA, Jorge Pedro. op. cit. p. 219.

<sup>24</sup> LOUSADA, Maria Alexandre. **Cidades de província e cultura provinciana**: a construção das identidades urbanas entre os finais do século XIX e a alvorada do século XX – XII Colóquio Ibérico de Geografia, outubro 2000 – p.2.

acervo. Além disso, é possível ter acesso à coleção completa da revista através do site Hemeroteca Digital.

Além de ser enviada para o Brasil a revista, dentro do período analisado, apresenta várias referências ao país, como por exemplo um anúncio da sociedade de seguros mútuos sobre a vida “A equitativa dos Estados Unidos do Brasil”, cuja sede social ficava no Rio de Janeiro, anúncio este que se repete com frequência, além de matérias relacionadas à política brasileira e também preços da assinatura da revista para brasileiros. Estas referências podem ser utilizadas para compreender que havia um público leitor da revista no Brasil, esses leitores em sua grande maioria eram imigrantes portugueses, assim é possível questionar de que maneira os editores da revista pretendiam atingir esse público localizado no Brasil e se haviam intenções de projetar uma nacionalidade portuguesa entre a comunidade imigrante. Segundo Kaminski, a participação de revistas na conformação de padrões perceptivos ocorreu em dois sentidos;

Um vindo de fora para dentro, ou seja, as imagens e os conteúdos da revista veiculavam e reforçavam esquemas do comportamento como moda, os hábitos de lazer, trejeitos da fala, que caracterizavam a vida urbana daquele momento. O outro ia se constituindo a partir do contato visual com as revistas, gerando novos esquemas de gosto pela assimilação de uma nova visualidade advinda tanto do projeto gráfico quanto das inovações nas técnicas de reprodução de cores e imagens.<sup>25</sup>

No que diz respeito ao aspecto formal, os exemplares da revista possuem em média 32 a 36 páginas, contendo matérias carregadas de muitas imagens, sobre assuntos bem diversificados, as matérias em geral são direcionadas aos indivíduos de uma classe mais elevada, localizada ao Sul, no entanto há uma tônica em retratar características da população mais ao Norte. Ao decorrer desta pesquisa procuraremos compreender este paradoxo em que ao mesmo tempo que a revista procura valorizar a mulher de elite, apresenta também em grande quantidade matérias e fotografias da mulher popular da região Norte. Existe uma grande representação das mulheres nas capas bem como também há muitas fotos femininas dentro da revista. A grande quantidade de imagens encontrada na revista demonstra a intenção de publicar matérias mais leves e informativas, além disso, a

---

<sup>25</sup> KAMINSKI, Rosane. **A formação de juízos de gosto:** Revistas ilustradas em Curitiba (1900-1920). Artigo integrante do projeto: Características históricas e estéticas das revistas publicadas em Curitiba no começo do século XX. p. 2668

ampliação crescente das técnicas de reprodução de imagem favoreciam a utilização da linguagem visual nas revistas semanais. De um modo geral a circulação de imagens, como ilustrações, gravuras e fotografias aumentaram em uma proporção imensa, *“a presença das imagens nas revistas ilustradas era, ao mesmo tempo, um apelo visual e uma garantia de maior abrangência de público”*<sup>26</sup>. Ainda segundo os estudos de Kaminski podemos perceber que este grande aumento na difusão de imagens acaba por gerar uma relação de naturalização da imagem por parte do público esta relação seria mais *“apressada e superficial, até o ponto em que se encara quase como natural a presença das imagens e que se generaliza uma indiferença e até uma ignorância acerca do caráter de elaboração de cada imagem”*<sup>27</sup>

Esta linguagem visual, muitas vezes possuía um caráter meramente ilustrativo, como por exemplo, capas com belas imagens, que, no entanto não estavam relacionadas às matérias publicadas naquele exemplar, mas na maioria das vezes existia uma relação de complementação e ratificação entre a linguagem visual e a linguagem escrita. Segundo Lage, esta correspondência entre assunto e forma *“reporta-se a questão do hábito, ao uso e não representando necessariamente uma analogia do mundo real; desta maneira, as imagens, os espaços concedidos, a cor, as formas dadas a uma notícia estariam diretamente associados à representação usual daquele tema”*.<sup>28</sup>

A definição dos temas e linguagem da revista estava associada ao público que a publicação visava atingir. Embora uma característica muito recorrente em revistas semanais fosse a utilização de seções, que apontavam para o roteiro de temas de maior interesse do público alvo como esportes, teatro e atualidades, a ‘Ilustração Portuguesa’ apesar de apresentar uma certa recorrência em suas temáticas não faz uso destas seções, variando freqüentemente a composição geral da revista.

É possível afirmar que no campo das revistas ilustradas a revista ‘Ilustração Portuguesa’ foi a revista nacional mais inovadora na sua época, pelo fato de publicar uma

---

<sup>26</sup> KAMINSKI, Rosane. **A formação de juízos de gosto: Revistas ilustradas em Curitiba (1900-1920)**. Artigo integrante do projeto: Características históricas e estéticas das revistas publicadas em Curitiba no começo do século XX. p. 2672

<sup>27</sup> KAMINSKI, Rosane. op. cit. p. 2672

<sup>28</sup> LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1998, p.24

grande quantidade de fotografias acompanhadas de textos curtos. A sua paginação antecipa, por vezes, a das revistas ilustradas dos anos vinte/trinta.<sup>29</sup>

A maioria das matérias em si tem como alvo o público masculino, no entanto foram encontradas várias matérias destacando os diferentes perfis da mulher portuguesa e os diferentes papéis exercidos por elas nos âmbitos públicos e privados. Esta presença de representações femininas na revista 'Ilustração Portuguesa' não é uma abordagem inovadora, sendo que em revistas anteriores, como, por exemplo, Portugal Pittoresco, já podiam ser encontradas representações das mulheres portuguesas. Além destas matérias que procuram de alguma forma representar a mulher portuguesa, existe também alguns pontos da revista que são destinados ao público feminino como imagens das últimas tendências da moda que são inspirados nos modelos franceses e anúncios publicitários que em sua grande maioria apresentam produtos relacionados a produtos de beleza e higiene desde ao creme dental até a sustentação dos seios, foram encontrados também anúncios de produtos alimentícios e um anúncio relacionado a mulher como responsável pela manutenção da saúde dos membros de sua família, o qual trata de um livro intitulado O livro de Ouro da Mulher o qual diz respeito à procedimentos de higiene e medicinas utilizadas em contratempos com a saúde no dia a dia. Existe também uma coluna chamada "A história das coisas frívolas" que apresentam textos relacionados à história do penteado, do véu e da sombrinha entre outros. Chama a atenção a matéria intitulada ' A História do véu' escrita por uma mulher e que menciona o fato de que a história do véu talvez não fosse tão frívola como pode parecer a primeira vista, pois pode-se compreender através dela elementos da cultura de várias sociedades.

Ao encontrar esse tipo de publicação direcionada ao público feminino pode-se entender que os editores da revista, apesar de considerarem o homem como principal público alvo, consideravam a mulher como um possível público leitor secundário da revista. Esta abordagem direcionada ao universo feminino constitui o enfoque desta pesquisa, a qual pretende abordar a partir destas matérias os temas imigração, cultura e identidade e assim conseguir analisar quais as representações a respeito da mulher portuguesa que a revista tinha a intenção de apresentar.

---

<sup>29</sup> SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental**. Porto. 1998. p. 220

Em relação ao que diz respeito às autorias das matérias selecionadas muitas são anônimas, principalmente aquelas que tratam de características específicas da mulher nortenha. No entanto alguns nomes apareceram com certa recorrência como, por exemplo, Julio Dantas o qual foi um escritor, médico, político e diplomata, que se distinguiu como um dos mais conhecidos intelectuais portugueses das primeiras décadas do século XX. Julio Dantas cultivou os mais diversos gêneros literários entre eles a poesia, o romance, o jornalismo e a dramaturgia. As matérias encontradas como de sua autoria na revista apresentam o tema de trazer a memória como eram os costumes da mulher portuguesa no século XVIII, também há diversos poemas de sua autoria publicados na revista.

E relação ao material fotográfico da revista ‘Ilustração Portuguesa’ podemos destacar o fotógrafo Joshua Benoliel (1873- 1932). Joshua foi o primeiro fotojornalista português e talvez um dos fotógrafos deste período com carreira mais longa. Colaborou com a ‘Ilustração Portuguesa’ e com o jornal ‘O Século’ principalmente de 1906 a 1918.

(...) cobriu quase todos os acontecimentos políticos. Mas a sua genialidade estava na forma como abordava os fait-divers (...): a mesma rua onde se davam as revoluções [a queda da Monarquia, a instauração da República e a ascensão e queda da I República foram tempos muito agitados] era o lugar onde se vendiam pentes, o mesmo cais onde se despediam os políticos era o lugar onde se despedia o soldado. Foi precursor da reportagem moderna dos anos Vinte.<sup>30</sup>

Na revista ‘Ilustração Portuguesa’ surgiram vários nomes relevantes para o fotojornalismo português entre eles estão Aurélio Pazdos Reis (1862-1931), um dos pais do cinema nacional, e Arnaldo Garcez (1886-1964), que fará a cobertura da I Guerra Mundial, onde esteve empenhado o Corpo Expedicionário Português. Com eles, a foto-reportagem começa, realmente, a despontar em Portugal, numa linha que se vai afastando do documentalismo por vezes realista-naturalista que dominava os campos da fotografia até então.<sup>31</sup>

## **2.0 IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO INÍCIO DO SÉCULO XIX E AS DEFINIÇÕES DE REPRESENTAÇÃO**

---

<sup>30</sup> SOUSA, Jorge Pedro. op. cit. p.220

<sup>31</sup> SOUSA, Jorge Pedro. op. cit. p.221

## 2.1 PORTUGAL E A CRISE DO INÍCIO DO SÉCULO XIX

No capítulo anterior foi apresentada a revista ‘Ilustração Portuguesa’ como fonte para esta pesquisa. Optou-se por realizar um recorte temporal o qual se deteve em analisar os anos entre 1906 e 1909. Este espaço temporal foi escolhido primeiramente por tratar-se dos quatro primeiros anos da revista, sendo possível observar quais eram as diretrizes gerais do periódico no início de sua publicação. Outro motivo que implicou nesta escolha foi por ser este o período que antecede a república, buscou-se, portanto, compreender qual era o discurso apresentado pela revista em relação às mulheres portuguesas nestes anos finais do período monárquico.

Ao inserir os primeiros anos da revista ‘Ilustração Portuguesa’ em seu contexto histórico se fez necessário voltar um pouco no tempo e entender quais as questões políticas, culturais e sociais se destacavam em Portugal na viragem do século XIX para o século XX, pois muitas destas questões irão permanecer na sociedade portuguesa durante muitas décadas.

A partir de uma visão ampla é possível dividir a passagem do século XIX para o século XX em Portugal, segundo o historiador Luís Farinha, em três períodos diferenciados; primeiramente a crise da monarquia constitucional (1890-1910), período este de duas décadas em que se forjam algumas das teorias econômicas e políticas que irão se destacar durante o período seguinte; ou seja, a I República (1910-1926), um período de 16 anos que se constituiu como um laboratório político e cujo desfecho ditatorial resultou de uma intensa luta política entre a direita e a esquerda modernas, nos anos 20; e por fim, o período da ditadura militar e o Estado Novo (1926- 1974) que resultou de uma guerra civil intermitente de quase uma década e da vitória das doutrinas totalitárias que marcaram a Europa entre guerras, muitas delas forjadas nos finais do séc. XIX.<sup>32</sup> Para a contextualização desta pesquisa será dado enfoque no primeiro período apresentado, o qual discute aspectos da crise da monarquia constitucional.

---

<sup>32</sup> FARINHA, Luís. **Portugal na Europa do Sul** – da crise de 1890 ao sonho republicano : Pátria, Império e República. Comunicação, Lisboa 2012. p. 3.

A crise de 1890 desencadeou vários acontecimentos marcantes, eles próprios indícios de fenômenos econômicos e culturais que atravessavam o país em profundidade. O que desencadeou maior impacto público foi o Ultimato inglês, pelo fato de que evidenciava a crise política do regime constitucional monárquico (que se mostrou incapaz para dar resposta à imposição britânica), além de expor as fraquezas econômicas e financeiras do Estado (incapaz de garantir a posse efetiva e o desenvolvimento do Império Africano por falta de meios), e também porque instalava no país o tumulto e a revolta, (vindo dos de “baixo” e apoiado por muitos dos de “cima”), fontes de mobilização das oposições políticas e dos movimentos populares que irão dar origem à “frente republicana” responsável pela Revolta de 31 de Janeiro de 1891 no Porto e, mais tarde, à revolução de 5 de Outubro de 1910 em Lisboa. O documento que impôs a retirada das tropas portuguesas do território de Angola e Moçambique foi encarado como um vexame nacional.<sup>33</sup>

Enquanto que em sua posição política Portugal sustentava um conflito diplomático com a Inglaterra do ponto de vista econômico a crise que atingiu o sistema financeiro português a partir da segunda metade do século XIX, somado à crise financeira internacional levou a dificuldades internas do país em participar do mercado internacional. Segundo Farinha a partir desta crise econômica e financeira “ *traduzida em falta de meios de pagamento do Estado e dos particulares, em diminuição das importações e das exportações, em diminuição do crédito -, fácil se torna perceber a crise do sistema oligárquico montado pela Monarquia.*”<sup>34</sup>

A relação entre Brasil e Portugal também contribuiu para a crise da monarquia portuguesa, a revolução republicana no Brasil (República Velha 1889-1930) desvalorizou a taxa de câmbio brasileira e reduziu as remessas dos imigrantes em 75% o que acaba por desequilibrar a balança comercial de Portugal, na qual as remessas tinham um importante papel. A crise e a perda de confiança no sistema monárquico abriu caminho para a proclamação da República em 5 de outubro de 1910, que já estava delineada em 1908 com o regicídio do rei D. Carlos e seu filho herdeiro, o príncipe real D. Luís Filipe.

---

<sup>33</sup> FARINHA, Luís.op. cit. p.6.

<sup>34</sup> FARINHA, Luís op. cit. p.10.

O embate entre republicanos e monarquistas se dá também através da imprensa, tendo em vista que o jornal português ‘O Século’ um jornal de caráter bem demarcado no espaço republicano, como foi salientado no capítulo anterior. Sendo a revista ‘Ilustração Portuguesa’ um complemento deste jornal, pode-se perceber nesta alguns sinais de defesa em prol da república. No entanto, por ser uma revista de variedades, seu principal enfoque não era político e sua posição em relação a estas questões não são claramente demarcadas. Mesmo assim a revista traz em sua equipe de redatores alguns nomes que podem ser identificados como de posição republicana, como por exemplo, o bacharel em direito, Alberto de Souza Costa, além de imagens de comícios republicanos, estes artigos e imagens podem ser encontrados na revista de forma mais recorrente a partir do ano de 1908.

## 2.2 A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL

A este momento de crise política, pode ser acrescentando também o agravante de uma crise no que diz respeito a produção agrícola principalmente na região Norte de Portugal esta diminuição da produção pode ser relacionado de forma direta com o crescimento da imigração portuguesa para o Brasil.

O desenvolvimento de relações capitalistas no campo, destruindo os laços feudais, a mecanização da agricultura, sobretudo nas regiões do Alentejo e Ribatejo, foram rapidamente expulsando da região os pequenos proprietários, impossibilitando de utilizar bosques, pastos e águas comunais. O agravamento da crise vinícola no Norte de Portugal e o advento do trabalho livre no Brasil criavam uma conjuntura favorável à imigração portuguesa para o Brasil.<sup>35</sup>

O Brasil atraía estes trabalhadores, principalmente, para as áreas urbanas, porque oferecia salários mais altos dos que eram recebidos em Portugal. Os grandes proprietários de terras do Sul também foram afetados pela imigração do Norte, ficando sem esta mão de obra temporária.

A vinda dos imigrantes para o Brasil possibilitou a organização do trabalho livre, que era, a partir do ponto de vista das elites, a expressão da produtividade e da civilização.

---

<sup>35</sup> CABRAL, Manuel Villaverde. **Portugal na Alvorada do Século XX**. Forças sociais, poder político e crescimento econômico de 1890 a 1914. Lisboa, A regra do Jogo. 1979. Pg. 30

Ideias como a construção de uma cidade branca europeia, a valorização do trabalho e, sobretudo, o branqueamento da raça, legitimavam a tese do imigrantismo. No entanto, a entrada destes trabalhadores constituiu-se em um grande contingente de reserva de mão de obra, que não era completamente utilizado, estes trabalhadores passavam a conseguir seu sustento através do mercado informal, reproduzindo, em grande parte das vezes a mesma miséria e exclusão que atingia os trabalhadores em Portugal.<sup>36</sup>

Portanto este trabalho insere-se também na área de estudos relativos à emigração, pois apesar de que este fato tenha estado sempre presente na sociedade portuguesa é ao término do século XIX que este fenômeno se tornará mais forte. Entre os motivos que justificam a saída destes portugueses de sua pátria estão principalmente as razões de natureza econômica relacionadas com o nível de vida, as fracas oportunidades de emprego existentes nas regiões rurais e a incapacidade do tecido produtivo em absorver os contingentes de assalariados e de trabalhadores libertos das atividades agrícolas e de subsistência. Segundo Pascal as motivações que levaram os portugueses a emigrar no início do século XX podem ser resumidas pelos fatores da *“mecanização agrícola, a crise vinícola no norte de Portugal, a dificuldade de absorção do excedente populacional que levou ao aumento do desemprego e do subemprego além da fuga do serviço militar obrigatório.”*<sup>37</sup>

Estas motivações levam a entender a emigração portuguesa como de caráter essencialmente econômico e que os indivíduos que optavam por esta prática eram em grande maioria oriundos de uma região em que a situação financeira não caminhava bem e possuíam, geralmente, baixa ou nula qualificação profissional.

Embora estes fatores apresentados fossem as principais motivações de incentivo a uma parcela muito grande da população portuguesa, para a qual a emigração era mais do que um desejo, mas sim uma das poucas opções para obtenção de uma renda que proporcionasse condições minimamente dignas de sobrevivência, não havia um único padrão de deslocamento e, portanto, estes emigrantes não constituíam um grupo

---

<sup>36</sup> PASCAL, Maria Aparecida Macedo **Gênero e imigração**: Imigrantes Portuguesas em São Paulo (1890-1930): Trabalho, Conflitos, Permanências e Mudanças. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. p. 2

<sup>37</sup> PASCAL, Maria Aparecida op. cit. p. 1.

homogêneo, deste modo estes diferentes grupos devem ser compreendidos de acordo com suas especificidades.<sup>38</sup>

Segundo Boschilia, a partir da análise de pedidos de passaporte realizados em quatro distritos do Norte de Portugal, de onde mais saíram emigrantes, os quais se dirigiram ao Brasil é possível caracterizar o perfil socioeconômico destes indivíduos em três diferentes grupos, sendo o grupo mais numeroso o de portugueses na faixa etária entre 21 e 40 anos, solteiros e sem formação definida, estes procuravam, normalmente inserir-se no mercado como jornaleiros, criados ou trabalhadores braçais. O segundo grupo, um pouco mais restrito do que o primeiro, era formado por homens mais velhos, casados e que possuíam alguma experiência na área do comércio, estes homens emigravam devido à pressão de dívidas acumuladas e a preocupação com o futuro dos filhos. Por fim a autora apresenta o último grupo que era constituído por jovens entre os 10 e 16 anos, estes rapazes normalmente emigravam cedo com a intenção de fugir do serviço militar.<sup>39</sup>

Com o objetivo de barrar estes emigrantes medidas restritivas eram tomadas pelo governo, como os decretos de 1890 e 1891; no entanto não atingiam seu objetivo, já que a imigração clandestina crescia cada vez mais.

O governo português tomará diversas atitudes repressivas frente a esta questão, no entanto a emigração de caráter majoritariamente masculino acarretará no constante envio de remessas por parte destes homens para suas famílias que ficaram em Portugal, estas remessas terão um papel decisivo no equilíbrio financeiro português o que faz com que o governo se preocupe um pouco menos em barrar a emigração.<sup>40</sup>

Em relação à sua extensão no território é possível perceber que a importância destas saídas foi bastante acentuada nas regiões densamente povoadas do norte e do centro do país, assim como nas Ilhas Atlânticas dos Açores e da Madeira. Da mesma forma, este fenômeno afetou as regiões do Minho, de Trás-os-Montes e da Beira-Alta, de onde partiram os maiores contingentes de emigrantes principalmente em direção ao Brasil no período que estende até a primeira metade do século XX. “*Estima-se que entre 1822 e 1950 mais de*

<sup>38</sup> BOSCHILIA, Roseli. À procura de um novo destino: imigrantes portugueses no Paraná da segunda metade do século XIX. In: **História: Questões e Debates**, Curitiba, nº 56 jan/jun. 2012. Editora UFPR - p.93

<sup>39</sup> BOSCHILIA, Roseli. op. cit. – p. 99 – 108.

<sup>40</sup> PEREIRA, Mirian Halpern. **A política Portuguesa de emigração**. (1850-1930) Lisboa, A Regra do Jogo, 1981, p. 56.

*1.200.000 portugueses chegaram ao Brasil e 80% deste contingente, ou seja, aproximadamente 960 mil seriam do norte de Portugal*<sup>41</sup>. Este grande número de imigrantes gerou forte impacto social e econômico para a sociedade portuguesa como um todo, inclusive para as mulheres.

As correntes migratórias saídas de Portugal podem ser consideradas um fenômeno permanente, no entanto cada período apresenta características diversificadas, por exemplo, no século XX até meados da década de 50 o fluxo de imigrantes era majoritariamente de caráter intercontinental, após este período o fluxo passa a se tornar de caráter essencialmente intra-europeu<sup>42</sup>

Com relação às estatísticas é interessante notar que, no início do século XX a população portuguesa era de aproximadamente 5,5 milhões de habitantes, dos quais mais de 84% viviam em zonas rurais. A estimativa de vida era de aproximadamente 40 anos e a agricultura era a atividade que ocupava a maior parte da população ativa.<sup>43</sup> Portanto deve-se observar que, por mais que a elite portuguesa tivesse intenção de acompanhar as mudanças que tomavam conta da Europa que em um contexto mais amplo estava pautada em ideais positivistas e teorias eurocêntricas e passava por uma fase de atualizações e inovações tanto no campo tecnológico como no campo intelectual e das artes somados a uma organização das massas, que saíram do campo devido a Revolução Industrial e se concentraram nas cidades, as condições reais da maior parte do país estava aquém das expectativas de acompanhar este desenvolvimento

### 2.3 AS MULHERES NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO

Outro ponto que merece ser ressaltado nesta pesquisa é a relação das mulheres portuguesas com a política de emigração. Em primeiro lugar é possível afirmar que, as leis para emigração feminina eram muito rígidas e exigiam além de passaporte, a autorização de

---

<sup>41</sup> MATOS, Maria Izilda. **Deslocamentos e Histórias** – Os Portugueses. EDUSC. 1ª edição – p. 30.

<sup>42</sup> BAGANHA, Maria Ionnis B. **As correntes emigratórias portuguesas no século XX** e seu impacto na economia nacional. *Análise Social* vol. XXIX, 1994. p. 959.

<sup>43</sup> SARDICA, José Manuel. **O século XX Português: do ultimato as incertezas do presente**. Textos Editores, 2011, Lisboa. P.10.

pais e maridos, a lei também restringia o divórcio e não permitia saída para o estrangeiro de mulheres casadas. Por isto o fluxo de emigração do homem do campo era, numericamente, muito superior ao número de mulheres. Estes homens em busca de melhores condições acabavam por deixar a mulher sozinha em sua pátria e assim abriam um espaço maior para a independência feminina, as mulheres, na ausência dos maridos, passaram então a realizar todo o trabalho produtivo, além proporcionar o sustento dos filhos e a manutenção da casa.

Estas mulheres não possuíam vias legais para dissolver os laços conjugais, muito embora, na prática, estes laços, já estivessem desfeitos por maridos que formavam novas famílias no Brasil. Este fato pode ser corroborado a partir da diminuição do envio das remessas ao longo do tempo, essenciais para o equilíbrio do país, e que só se manteriam pela manutenção da família no país de origem, segundo Pascal, muitas vezes essas mulheres, abandonadas, enviavam os filhos homens em busca deste pai perdido no Brasil.<sup>44</sup>

#### 2.4 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO

Ao trabalhar com a imagem representada pela revista da figura feminina se faz necessário compreender o significado do conceito de representação, Chartier em *A história cultural* define o conceito de representação como: “*instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é*”<sup>45</sup> Outra definição de representação semelhante a de Chartier pois também destaca a ideia de substituição é a de Pesavento, segundo a autora “*representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.*”<sup>46</sup> Com relação a este conceito Chartier demonstra ainda que:

<sup>44</sup> PASCAL, Maria Aparecida op. cit. p. 3

<sup>45</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural** - Entre Práticas e Representações. tradução de Maria Manuela Galhardo. -Rio de Janeiro : Bertrand Brasil ; 1990. – p. 20.

<sup>46</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 40.

Embora as representações do mundo social tenham a intenção de atingir um diagnóstico universal fundado na razão, estas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Portanto nunca serão discursos neutros serão discursos que tem a pretensão de impor sua autoridade, legitimar um projeto ou mesmo justificar escolhas e condutas.  
47

Com relação ao que diz respeito à construção de uma identidade social Chartier apresenta dois caminhos:

O primeiro diz respeito uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma o segundo considera a representação de que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.<sup>48</sup>

Neste trabalho o foco de análise serão as representações das mulheres construídas pela revista ‘Ilustração Portuguesa’, portanto apesar de, a primeira vista tratar-se de uma análise que se enquadraria no primeiro caso, tendo em vista que as representações são realizadas por uma instituição detentora de poder para tal feito, no caso a revista, uma análise mais profunda, leva a inserir este trabalho na segunda hipótese, pois os sujeitos que escrevem e editam a revista estão inseridos na sociedade que estão representando.

Ainda tratando das questões que envolvem o conceito de representação, Chartier propõe uma análise que busca confrontar as características do ‘mundo do texto’ e do ‘mundo do leitor’, sendo assim, é importante a realização da interpretação do texto de forma semântica, sem deixar, entretanto, de considerar que, “*um texto estável na sua literalidade investe-se de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõem à leitura.*”<sup>49</sup> Segundo Chartier, não é possível, portanto, considerar que uma sociedade realize uma leitura uniforme de um texto, pois cada comunidade de leitores tem características diferenciadas e que podem ser muito contrastantes no que diz respeito à expectativas e interesses, além da competência de leitura

---

<sup>47</sup> CHARTIER, Roger op. cit.– p. 17.

<sup>48</sup> CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. In: Estudos Avançados vol.5 nº11 São Paulo Jan./Apr. 1991. pg. 10

<sup>49</sup> CHARTIER, Roger. op. cit. pg. 5.

que definem diversas interpretações para indivíduos que pertencem à uma mesma sociedade.

A partir dos estudos sobre representação de Chartier<sup>50</sup> é possível compreender também que a percepção do real não é constituída através de um processo objetivo e transparente, e sim determinada por categorias compartilhadas por um determinado grupo social, os quais procuram responder a interesses específicos. A elaboração da representação, para este autor, esta, portanto, intimamente relacionada à posição social dos indivíduos.

O resultado deste processo é o de que a representação da realidade construída por diferentes grupos sociais tem por objetivo legitimar um determinado lugar social. Esta busca pela hegemonia através da construção da representação é chamada por Chartier de dominação simbólica. Na prática esta representação funciona como uma estratégia de classe, a qual media as relações entre ela e as demais classes sociais, cada uma elaborando a representação da realidade ao seu modo.

Outro ponto importante a ser destacado da obra de Chartier para esta pesquisa é a inseparabilidade entre a representação e a prática. Segundo o autor é o mundo das representações que geram as práticas sociais, a prática é uma ação no mundo que faz reconhecer o lugar social do indivíduo, pode-se dizer que a representação ao articular-se com a prática, implica uma identidade social.<sup>51</sup>

Chartier ainda elabora definições interessantes no que diz respeito ao conceito de cultura popular, segundo este autor existem dois grandes modelos de definição de este conceito, o primeiro, tendo por objetivo de abolir o etnocentrismo cultural, apresenta a cultura popular como um sistema autônomo, o qual funciona a partir de uma lógica totalmente alheia a cultura letrada. O segundo modelo explicativo compreende e ressalta as relações de dominação que organizam o mundo social e, portanto, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação às culturas dominantes.<sup>52</sup> Apesar destes dois modelos apresentarem propostas teóricas totalmente opostas o autor aponta para os perigos

---

<sup>50</sup> CHARTIER, Roger. op. cit. pg.12.

<sup>51</sup> CHARTIER, Roger. op. cit. pg. 14.

<sup>52</sup> CHARTIER, Roger. **Cultura Popular**. Revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, nº16,1995. pg. 179

que ambas definições possuem, pois da mesma forma que o relativismo cultural, quando aplicados a cultura popular, encorajam práticas como por exemplo o populismo, a celebração de uma cultura popular inverte-se em uma descrição em negativo.<sup>53</sup>

Com base nestes referenciais este trabalho analisa as representações trazidas pela revista sobre as mulheres portuguesas, especialmente no que se refere aos hábitos, costumes e ao comportamento social que delas era esperado, de modo a entender, a partir dos discursos divulgados pela revista, qual era o lugar reservado às mulheres na sociedade portuguesa.

### **3.0 AS MULHERES NA REVISTA ‘ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA’: UMA QUESTÃO DE GÊNERO**

#### **3.1 NOVA HISTÓRIA CULTURAL E A INSERÇÃO DOS ESTUDOS DE GÊNERO**

As representações sobre mulheres encontradas na revista ‘Ilustração Portuguesa’, serão nesta pesquisa, analisadas a partir dos estudos de gênero o qual busca pensar as relações sociais entre homens e mulheres, esta vertente tem tido um papel de destaque cada vez mais relevante no campo da história, este importante papel pode ser justificado pelo fato de que, como postula Joan Scott, os estudos de gênero não são uma categoria útil apenas para a história das mulheres, mas para a história de modo geral, tendo em vista que pode lançar luz sobre a história das mulheres, mas também a dos homens, das relações entre homens e mulheres, além de propiciar um campo fértil de análise das desigualdades e hierarquias sociais.<sup>54</sup>

Para entender a formação deste pensamento é importante lembrar que em fins da década de 80 a história passa por uma crise de paradigmas, quando os modelos explicadores dominantes fundamentados no marxismo ou no estruturalismo, sofrem um esgotamento já não conseguem dar conta da pluralidade dos movimentos que afloravam na sociedade. O objetivo de apenas relatar o passado é substituído pela busca em compreender

---

<sup>53</sup> CHARTIER, Roger. op. Cit. Pg. 180.

<sup>54</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990. p. 5.

os problemas do presente, para isto se busca auxílio de outras disciplinas como a antropologia e a sociologia.

A partir de então os historiadores passaram a reformular seus objetos abordando temáticas antes descartadas sob novos cortes teórico-metodológicos. A história deixa então de se preocupar com o homem ocidental, com a escrita de uma história universal e com a valorização de grandes nomes e feitos para construir uma história dos indivíduos e seu cotidiano, com isto há uma maior abertura para os estudos sobre as mulheres, além de que, com a emergência do feminismo como movimento social foram criadas as condições necessárias para a legitimação da condição feminina como objeto de estudo.

Os estudos de gênero trazem uma nova perspectiva para o estudo das mulheres, pois não abordam a mulher de forma isolada e rejeitam o estudo de esferas separadas e a dissociação dos sexos. A partir destes estudos o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens e vice e versa e o comportamento de ambos são pautados por esta relação. As mulheres passam então a serem pensadas dentro das relações sociais de poder.<sup>55</sup>

Entende-se que há uma heterogeneidade de modelos femininos decorrentes das relações de poder, portanto o estudo da mulher é problematizado a partir destes elementos que variam de sociedade para sociedade. O conceito de gênero, segundo Scott, foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando lhes um caráter fundamentalmente social, para esta autora gênero *“é um elemento constitutivo de relações sociais fundamentadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”*.<sup>56</sup>

No entanto, durante muitos anos, mesmo que reconhecida pela academia, a história das mulheres passou a ser compreendida, várias vezes, como um assunto de mulheres, mais especificamente de feministas, ou como uma história que diz respeito aos aspectos restritos ao espaço doméstico, da família e da reprodução, em oposição a assuntos como, por exemplo, a história econômica e política. Superar esta visão consiste em um desafio teórico enfrentado pelos historiadores que se utilizam desta categoria, que pode ser superado, ao demonstrar como a categoria gênero dá sentido à organização e a percepção do

---

<sup>55</sup> SCOTT, Joan W. op. cit. p. 19.

<sup>56</sup> SCOTT, Joan W. op. cit. p. 14

conhecimento histórico. Para isto estes pesquisadores devem examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas.<sup>57</sup>

Em seus estudos Scott chama a atenção principalmente para a necessidade de entender o gênero enquanto a relação entre os sexos, de como é assegurado um significado para os conceitos de homem e mulher e as práticas pelas quais os significados da diferença sexual são definidos.

Por último há ainda que se ter cuidado com as fontes ao abordar uma problemática a partir do conceito de gênero, pois grande parte das fontes a respeito das mulheres são escritas por homens, os quais, por consequência das ideias presentes na sociedade em que estão inseridos e das relações de poder as quais estão atrelados acabam por atribuírem à mulher diversos estereótipos imbuídos de um pensamento indiferente ou até negativo.

### 3.2 AS MULHERES PORTUGUESAS NA REVISTA ‘ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA’

Para realizar esta pesquisa foi adotado como metodologia a separação das matérias encontradas na revista ‘Ilustração Portuguesa’ por categorias de análise, estas categorias dizem respeito à relação da mulher portuguesa com o trabalho, a comparação da mulher portuguesa com outras nacionalidades e outra relativa a questões relativas à moda beleza e comportamento.

As matérias que tratam da relação da mulher portuguesa com o trabalho se dividem em dois espaços, o privado e o público, sendo o âmbito privado mais recorrente, no qual o serviço doméstico e a imagem da mulher como mantenedora da organização e limpeza de seu próprio lar são destacados. Nas regiões mais ao Norte este papel é tratado com grande ênfase pela revista, a qual, não deixa de salientar muitas vezes que além da tarefa de limpar a casa e cuidar dos filhos a mulher também contribui para sustentar a família trabalhando fora, ou seja, além de cumprir com suas tarefas no serviço do lar ela também realizava

---

<sup>57</sup> FILHO, Amílcar Torrrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. Cadernos Pagu – janeiro/junho de 2005. UNICAMP. P. 131.

tarefas no espaço público como ajudantes de seus maridos na agricultura ou como vendedoras de bolos ou pratos típicos da região em feiras.

Outro ponto em que a revista se detém, ao falar do trabalho das mulheres que vivem em uma região agrícola como o Minho ou Afife, é a imigração majoritariamente masculina, que forçava as mulheres a assumirem por completo as atividades que eram realizadas na agricultura por seus maridos, como é apresentado na edição 182<sup>o</sup> publicada em 16/08/1909 que demonstra a dedicação ao trabalho que possuíam as mulheres da região de Afife ao relatar que “(...) nos campos férteis trabalham as raparigas com seus trajos guerridos, nas sombras das grandes árvores, porque os homens quase todos emigraram a cata de fortuna para Lisboa e Porto ou para o Brasil”. Esta imagem de empenho e labor retratada pela revista a respeito da mulher nortenha é sempre apresentada como uma qualidade positiva da figura feminina desta região. O trabalho de tecedeira também era executado pela mulher da região agrícola, enquanto seu marido trabalhava na agricultura com o linho a mulher trabalhava em casa como tecedeira, no entanto há uma matéria intitulada “As últimas tecedeiras” publicada em 15/10/1906 que apresenta o surgimento das fábricas como uma ameaça ao trabalho manual das tecedeiras, este desenvolvimento da tecnologia estaria levando a mulher a trabalhar fora e competir com o homem no trabalho agrícola, a revista ainda destaca que fim do costume das mulheres tecerem acarretaria no término de uma tradição portuguesa muito importante que eram os trajes típicos feitos de linho como, por exemplo, o traje da mulher minhota.

Tratando-se ainda da mulher das camadas mais populares a revista constrói uma imagem particular para a tricana de Coimbra, uma das maiores cidades da região centro de Portugal, no que diz respeito ao trabalho as tricanas são caracterizadas pelos serviços prestados aos estudantes da cidade, são tratadas como as mulheres que cuidam dos serviços domésticos para estes estudantes, em alguns pontos a revista destaca que estes serviços prestados pelas tricanas aos estudantes iam além dos serviços domésticos, a revista apresenta como um caso muito comum os estudantes manterem relações pessoais com as tricanas, estes relacionamentos eram sempre mantidos em sigilo, a revista valoriza o trabalho da mulher de Coimbra que além de trabalhar fora ainda criava seus filhos sozinha,

caso engravidasse de um estudante, enquanto que os estudantes normalmente se casavam com as mulheres da alta sociedade.

Ainda no espaço privado cuidando dos serviços da casa, porém em busca de uma renda própria que lhe assegurasse maior autonomia se encontram as ‘creadas de servir’ apresentadas pela revista na edição de 05/03/1906. Esta matéria intitulada ‘Elogio das creadas de servir’, trata das mudanças da sociedade para defender o direito das creadas de não ficarem apenas dentro de casa junto com suas amas, além de poderem trabalhar em mais de um domicílio para expandirem sua renda e suprirem seus gastos básicos, o que muitas vezes já não era possível fazer trabalhando em apenas uma casa em razão do aumento do custo de vida.

A relação da mulher da elite portuguesa concentrada na região Sul do país com o trabalho já se dá de uma forma bem diferente, em casa elas não são responsáveis pelo serviço doméstico, segundo a matéria publicada na edição de nº135 de 21/09/1908, intitulada ‘A Alfacinha’, que trás uma descrição das atividades do dia a dia destas mulheres da elite de Lisboa, que acordam tarde, fazem a leitura do jornal a tarde suas atividades se resumem a ir a modista e tomar o chá das cinco com as amigas e noite geralmente saem para passear em teatros concertos ou casa das amigas.

Já no âmbito público são apresentadas várias mulheres que realizam atividades artísticas como pintura, teatro e música. A revista dá destaque para estas mulheres, que conseguem destaque no espaço artístico e cultural em Portugal, pois a revista apresenta a idéia de que o país não valoriza as atividades artísticas como deveria. Como exemplo destas mulheres a revista apresenta a pintora Emília Santos Braga e a poetiza Maria da Cunha entre outras.

Segundo nota da redação da revista “o papel social da mulher modifica-se por toda parte acompanhando a evolução da vida moderna esta transformação deve ser estudada principalmente em países de posição dianteira para o caminho da civilização”. A partir deste preceito a revista trará ao leitor da ‘Ilustração Portuguesa’ notícias sobre o papel social da mulher em vários países a começar pela matéria sobre a mulher alemã publicada em 02/03/1908. É interessante notar como ao apresentar estas matérias a respeito de mulheres de outras nacionalidades a revista vai construindo, a partir de comparações, a

imagem da mulher de Portugal. A principal questão abordada nestas matérias foi entender quais os limites da liberdade feminina em diversos países.

Ao tratar da mulher alemã a reportagem traça um paralelo do tratamento para com as mulheres em Portugal, alegando que, em Portugal e países do Sul se conserva a tradição de manter o homem como senhor e a mulher como serva. Nestes países seria muito raro ver uma senhora honesta em um café, já na Alemanha a noite homens e mulheres vão juntos ao café. Outro ponto apresentado da Alemanha pelo autor a ser tirado como exemplo para Portugal são as festas de inverno alemãs onde as paredes têm decoração de paisagens de neve da Baviera e o serviço é feito por mulheres bávaras que mantêm os trajes e o dialeto típico, o autor afirma que era válida a tentativa de fazer algo parecido em Portugal com as paisagens e tradições do Minho, pois os moradores de Lisboa e os estrangeiros que passam pela capital de Portugal não tem ideia do que seria a 'vida nacional', nesta comparação podemos perceber claramente a intenção da propagação da imagem do estilo de vida da região Norte como detentor da manutenção das tradições nacionais de Portugal por parte da revista.

Na matéria de 10/08/1908 a comparação feita entre a mulher americana e a mulher portuguesa os limites da liberdade feminina em Portugal são apontados de forma ainda mais crítica do que na matéria sobre a Alemanha, o autor da matéria postula que é um absurdo que o Velho Mundo ainda tome a americana como alguém que despreza o homem, que teima em propagar a raça e sua única função é ser defensora ferrenha do feminismo. Nesta matéria a liberdade americana é apresentada como algo que se dá muito naturalmente, para finalizar o autor alerta que não adianta dizer que a mulher na Europa é desvalorizada e escravizada e para reverter esta situação criar legislações a favor das mulheres sem aprender a amá-las a situação da mulher só irá mudar quando for permitido o livre convívio entre homens e mulheres desde cedo nas escolas e colégios.

Ao publicar uma matéria sobre as mães inglesas na edição de nº138 em 12/10/1908, a revista valoriza o papel da maternidade no que diz respeito à educação dos filhos, valoriza a educação dada a criança inglesa que segundo a matéria adquire um caráter forte e independente e se migrar por mais jovem que seja não se desnacionaliza, nesta matéria é

possível perceber a preocupação com o ideal de preservar a tradição nacional fora do país por parte da revista.

Ao tratar das mulheres italianas a revista deixa por um momento a questão da liberdade para tratar do aspecto relacionado a manutenção das tradições, nesta matéria mais uma vez as camadas populares são tratadas como responsáveis pela preservação das tradições, trazendo isto agora de um modo mais geral e não apenas em Portugal ao relatar como a moda e o progresso acabam por dissolver as peculiaridades e as tradições e este processo, segundo o autor da matéria, acontece com maior força entre a burguesia e aristocracia que ao seguirem todas o mesmo modelo, acabam perdendo sua beleza e sua identidade própria. Diferente do que acontece entre as camadas populares que continuam sendo irreverentes e interessantes, como exemplos disto o autor apresenta a mulher italiana de diferentes regiões da Itália, onde segundo o autor as belezas típicas ainda não foram afetadas pela civilização. Ao falar da mulher japonesa o autor retorna a questão da liberdade e desta vez aponta Portugal como exemplo em relação ao tratamento dado a mulher oriental ao afirmar “Que abismo separa ainda a nossa civilização da civilização japonesa debaixo do ponto de vista da psicologia feminina”.

A respeito de matérias sobre beleza ganha destaque um concurso de beleza realizado pela revista lançado em 12/03/1906, a revista enfatiza que podem participar deste concurso qualquer mulher independente de sua posição social. O concurso promete revelar qual a terra de mais belas mulheres de Portugal, no entanto na data determinada para dar o resultado do concurso a revista afirma não ter conseguido êxito em descobrir qual a terra de mais belas mulheres de Portugal e demonstra insatisfação pelo fato de não terem participado do concurso mulheres de todas as regiões de Portugal e os fotógrafos inscritos serem todos amadores, no entanto novamente na data marcada para o resultado a revista alega não ter conseguido atender aos critérios estabelecidos no edital anterior e o concurso é anulado.

No que diz respeito à moda em Portugal os modelos apresentados sempre são destacados como de influência francesa, muitas vezes os autores criticam as mulheres portuguesas por copiarem as francesas nos mínimos detalhes e pecarem pelo exagero. Já no que diz respeito ao vestuário da mulher popular, existem várias matérias, todas com a

intenção de destacar os elementos singulares da tradição portuguesa como a chinela de Guimarães ou o colete do Minho, para qual existem matérias exclusivas.

Na publicação de 05/11/1906 é feita menção da importância da maquilagem para as mulheres portuguesas, o autor desta matéria destaca que frente a advertência dos médicos e moralistas a mulher deveria defender que “tinha não apenas o direito, mas mesmo o dever de adornar-se, pois deveria se utilizar de todas as formas para se colocar a cima da natureza e melhor subjugar os corações e impressionar os espíritos.”

Na revista são raros os artigos escritos por mulheres, no entanto no que se trata de comportamento há um artigo escrito por Thereza Duarte a qual escreve a respeito da postura correta das mulheres, esta postura deveria ser ensinada pelas mães desde cedo a suas filhas, para que quando crescessem pudessem executar com maestria suas tarefas do cotidiano a autora ainda termina seu artigo apresentando como o papel da mulher estava se modificando de um papel de submissão para um papel de igualdade ao afirmar que “Quanto mais avançamos mais o papel social da mulher adquire importância. Espontaneamente ou coagido pelas circunstâncias, cada vez mais o homem se acostuma a considerar a mulher como uma colaboradora, como verdadeira metade dele próprio e não como uma metade inferior a outra, mas como igual, que com ele partilha dos cuidados que dá a administração da existência”.

#### 3.4 A DICOTOMIA ENTRE O NORTE E O SUL DE PORTUGAL

Ao analisar os resultados obtidos é possível destacar claramente, no conteúdo das revistas, algumas dicotomias que podem ser percebidas em todas as categorias de análise. Como, por exemplo, a classificação bem distinta entre as mulheres da elite e as mulheres de camadas populares. Às mulheres das camadas populares são atribuídas características como o envolvimento com a agricultura, a disposição para o trabalho e a manutenção de costumes que eram entendidos pela revista como característicos de uma nacionalidade portuguesa, ao passo que as mulheres de elite eram tidas como cosmopolitas fortemente influenciadas pelos padrões de estética e comportamento francês. Ou seja, suas maiores preocupações estavam relacionadas à sua vida em sociedade, sendo que algumas delas ganhavam

destaque no meio artístico. A esta dicotomia pode se associar a divisão que a revista faz entre as regiões Norte e Sul sendo a mulher camponesa popular típica da região Norte e mulher de elite em grande parte oriunda do Sul.

Este embate entre Norte e Sul claramente marcado na revista, onde muitas vezes esta destacava qualidades nortenhas, pode ser percebido em outros setores da sociedade. É possível perceber, através do texto de José Manuel Sobral, que entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX estavam presentes manifestações mais ou menos explícitas da contraposição entre Norte e Sul nos campos dos discursos científico e literário, fossem de reformadores econômicos, historiadores ou escritores. Esta discussão sobre o dualismo existente em Portugal foi refletido também nos artigos da revista *ilustração portuguesa*.

Diversos intelectuais influentes ao longo da história portuguesa trouxeram a discussão da divisão entre Norte e Sul em Portugal, em suas tentativas de caracterização de uma nacionalidade portuguesa, este retrato é muito bem apresentado pelo autor José Manuel Sobral. O autor postula que após o fim do período de ditadura, são feitas várias pesquisas sobre esta questão, o interesse nesta dicotomia se manifesta a partir da percepção espacial e das suas diferenças de voto, sendo o Norte mais conservador e Sul mais voltado a posições de esquerda, esta dualidade passou a ser explicada por diversos fatores como regime de propriedade e suas implicações sociais, religiosas, geográficas e econômicas.

Sobral demonstra, no entanto, que a evocação deste contraste já se faz presente em um período bem anterior. No final dos oitocentos já havia livros de memória, de viajantes e pesquisadores que apontavam as diferenças entre Norte e Sul, neste período o etnólogo José Leite Vasconcelos já havia feito observações sobre a maior presença da religiosidade ao Norte e centro comparado ao Sul. Outro diferencial se referia à questão étnica racial, sendo que o Norte de Portugal era apresentado de acordo com as influências celtas e germanas e o Sul apresentado com características aproximadas com o sul da Europa e Norte da África. O autor apresenta que durante o século XIX estes argumentos étnicos e raciais começam a serem difundidos de forma mais ampla, devido ao contexto europeu voltado para o nacionalismo e a preocupação em formular teorias explicativas para a gênese da nação. Oliveira Martins em seu livro *Portugal Contemporâneo* de 1881 afirma que “No Minho,

como em todas as regiões de estirpe céltica, a mulher governa a casa e o marido (...)” Martins analisava a divisão entre Norte e Sul a partir da correspondência com celtas e semitas.

Outro autor ao qual se refere Sobral é o pesquisador Teófilo Braga, que ao fim do XIX e início do XX, irá acrescentar aos estudos de Oliveira Martins baseados em questões étnicas o fator geográfico, sua obra, no entanto, assim como a de Martins também atribui grande valor à influência étnica.

Basílio Teles, um dos autores para qual Sobral faz uma análise mais completa foi um escritor de grande importância para esta pesquisa pois sua produção literária é realizada em finais da década de 90 e será concluída aproximadamente duas décadas depois, ou seja sua produção se dá no mesmo recorte temporal dos anos selecionados da revista *Ilustração Portuguesa* para esta pesquisa.

Neste período Portugal é uma monarquia parlamentar controlada por uma oligarquia assente em relações de patrocínio. Economicamente é um país agrícola cujo principal produto em termos de valor é o vinho. Não produz o suficiente em trigo para o consumo. Tem uma indústria reduzida, que não possui materiais de base, como o aço. A população rural do norte e centro emigram em grande quantidade para o Brasil, servindo as suas remessas para equilibrar a balança de pagamentos. É uma potência secundária na Europa, um aliado muito subordinado ao império britânico.<sup>58</sup>

Segundo Sobral, Teles viverá vários momentos de crise em Portugal e seus escritos tem por objetivo propor uma reforma nacionalista protetora da agricultura e da indústria, porém focando-se muito mais na agricultura. Para o escritor a região norte se caracteriza pela alta produção de pequenas propriedades enquanto que a região Sul estava dominada por alguns grandes proprietários atrelados à monarquia. Portanto, Teles acreditava que Portugal era composto por duas identidades raciais inconciliáveis. Teles, escritor nortenho, tomava então o norte como exemplo e uma de suas propostas para solucionar a crise seria uma ação expropriadora de grandes proprietários do Sul, esta medida solucionaria problemas como o desequilíbrio da balança comercial, pois a produção permitiria a abolição de importação de produtos agrícolas e o da emigração e assim seria possível fixar no país os excedentes populacionais do Norte.

---

<sup>58</sup> SOBRAL, José Manuel. O Norte, o Sul, a raça, a nação – representações da identidade nacional portuguesa (séculos XIX-XX) In: *Análise Social* vol.XXXIX, 2004. p.265.

A situação agrícola era relacionada por Teles a questão étnica, para ele o Norte de origem galega, de guerreiros e agricultores era o verdadeiro agente histórico na formação de Portugal e teria tido também papel decisivo na formação do Brasil, o Sul de influência árabe, era dominado pelo comércio, pela aventura marítima e pelo mercantilismo. A partir disto pode-se perceber a importância que Teles dá a agricultura em detrimento do comércio.

Sobral apresenta também vários escritores que seguiram a linha da dicotomia norte/sul realizada por Teles, um exemplo é Alberto Pimentel que em 1905 contrapõe as alegres canções do norte galego à triste canção do Sul.

Em um período posterior Sobral retrata ainda o surgimento de autores que criticaram o dualismo racial de Teles como Sardinha, o qual argumentava que a radicalização da dualidade entre norte e sul introduziria o germen da guerra civil e quebraria a unidade moral que se deve a idéia de pátria e Antonio Sérgio o qual postulava que o contraste Norte/Sul em Portugal não era de ordem racial e sim social e psicológica.

Ao analisar o trabalho do historiador Sobral e o estudo que este autor faz de suas fontes podemos perceber que a utilização de um discurso pautado na dicotomia entre Norte e Sul para entender a sociedade portuguesa era algo bem recorrente no período estudado. As fontes por este autor apresentadas, focam na utilização desta dicotomia para explicar principalmente os momentos de crise econômica vividos pela sociedade portuguesa.

No entanto, a revista 'Ilustração Portuguesa', sendo um suplemento do jornal 'O Século' e caracterizada por ser uma revista ilustrada de variedades, não procura responder a questão relacionada à crise econômica, mas podemos perceber a apropriação deste discurso para outro fim. A contemplação feita pelo periódico dos modelos femininos delineando claramente os contornos entre as mulheres portuguesas populares e as mulheres da elite, é utilizada para construir uma imagem de que cabe a mulher popular da região Norte o papel de mantenedora das tradições e peculiaridades do país, conservando a identidade nacional de Portugal, em meio a um contexto de modernização e padronização que, aos poucos, apagava os traços de uma regionalidade tipicamente portuguesa.

A sustentação deste discurso, que apresenta a conservação das tradições como um valor reservado a população localizada na região Norte de Portugal, pode ser compreendido como uma tentativa de preservação dos valores portugueses nos indivíduos que emigravam

do país. Esta poderia ser uma estratégia bem interessante a ser adotada pela revista, considerando que as regiões portuguesas situadas ao Norte e de caráter agrícola, eram as regiões de onde o contingente emigratório era mais elevado. Portanto ao destacar matérias e imagens representando trajes, feiras e costumes do Norte do país a revista divulgaria a idéia de que essas mulheres seriam responsáveis por transferir os valores locais aos seus filhos, de maneira que mesmo que futuramente eles saíssem de Portugal guardassem esses valores na vida fora do país.

Entre a preservação destes valores pode-se perceber a defesa da família, que acabava por se separar com a partida destes homens para as colônias portuguesas, ao incentivar os valores portugueses, e a lembrança das tradições e da família que ficava, é possível perceber, que de forma indireta a revista ao incentivar a manutenção dos laços com a região de origem, incentivasse também o envio de recursos financeiros para o país, sendo que as remessas vindas de portugueses que residiam no estrangeiro para sustento de sua família consistiam em um dos mais relevantes suplementos da economia de Portugal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada é possível perceber que as representações elaboradas pela revista ‘Ilustração Portuguesa’ contemplam uma heterogeneidade de modelos femininos, sendo que entre eles estão bem delineados o modelo da mulher popular e o da mulher de elite e é partindo desta dicotomia que a revista constrói a imagem de que cabe a estas mulheres populares, que viviam na região Norte do país, o papel de manterem vivas as tradições e peculiaridades portuguesas, zelando, assim, pela identidade nacional de Portugal, identidade esta que estaria, segundo o discurso apresentado pela revista, se perdendo devido ao processo de padronização impulsionado pelas elites concentradas na região Sul.

Este discurso que delega à mulher do Norte a tarefa de conservar os valores nacionais pode ser entendido como uma tentativa da revista em preservar os valores nacionais nos portugueses mesmo com a emigração, tendo em vista que a região Norte era responsável pela maior quantidade de emigrantes que saíam do país neste período, pois as mulheres passariam estes valores aos seus filhos, que mesmo saindo de Portugal conservariam as tradições locais. Esta intenção de destacar as características da mulher do Norte em contraste com a mulher do Sul, foi percebida de forma muito clara no conteúdo das matérias as quais retratavam o espaço feminino, exaltando os costumes, os trajes além da apresentação de valores que a mulher da região Norte deveria continuar a preservar.

Deve-se atentar para o fato de que esta dicotomização da sociedade portuguesa entre Norte e Sul não foi uma representação criada pela revista de maneira isolada, mas que era sim um discurso que estava se propagando em Portugal desde o final do século XIX, por meio de pesquisadores de diversas áreas, que se utilizavam desta divisão para tentar compreender os problemas sociais e econômicos do país.

Outro ponto bastante abordado pela revista nas matérias analisadas diz respeito aos limites da liberdade feminina em Portugal. Para tratar desta temática a revista apresenta reportagens sobre mulheres de outras nacionalidades, descrevendo seu papel na sociedade. Pode-se concluir a partir da análise das matérias focadas neste assunto que a revista entendia que a liberdade feminina era um processo que estava em um estágio bem mais

avançado em outros países e que seria interessante para Portugal tomá-los como exemplo, considerando, portanto, que deveria haver um processo de conscientização a respeito da condição da mulher em relação ao homem e à sociedade em Portugal, para que o país chegasse ao nível de civilização dos modelos americanos e franceses.

Com relação à imagem da mulher no ambiente de trabalho é interessante notar que ao tratar das mulheres da região Norte a revista, tomando um partido mais conservador, exalta e valoriza as mulheres que realizavam o trabalho doméstico e ressaltando que o fato das mulheres saírem de casa para trabalhar pode acarretar uma concorrência para os homens. No entanto, ao tratar das mulheres de posição privilegiada na região Sul, a revista defende a integração destas mulheres no espaço público, no que diz respeito ao meio artístico.

Por fim é interessante ressaltar que, embora a partir do ponto de vista quantitativo os emigrantes portugueses que vieram para o Brasil e, principalmente para o Paraná, não podem ser equiparados a demais grupos étnicos com maior representatividade, deve se levar em consideração o importante papel que estes indivíduos representaram na economia, na cultura e na sociedade como um todo, merecendo assim novas pesquisas que permitam ampliar os conhecimentos a respeito deste grupo.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> BOSCHILIA, Roseli. op. cit. p. 109.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. **Uma nova forma de ver o mundo: As revistas ilustradas semanais. Fato e Versões.** Uberlândia.1995.
- BAGANHA, Maria Ionnis B. **As correntes emigratórias portuguesas no século XX e seu impacto na economia nacional.** Análise Social vol. XXIX, 1994.
- BOSCHILIA, Roseli. À procura de um novo destino: imigrantes portugueses no Paraná da segunda metade do século XIX. In: **História: Questões e Debates**, Curitiba, nº 56 – p 87-112 jan/jun. 2012. Editora UFPR.
- CABRAL, Manuel Villaverde. **Portugal na Alvorada do Século XX.** Forças sociais, poder político e crescimento econômico de 1890 a 1914. Lisboa, A regra do Jogo. 1979.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural - Entre Práticas e Representações.** tradução de Maria Manuela Galhardo. -Rio de Janeiro : Bertrand Brasil ; 1990.
- CHARTIER, Roger. **Cultura Popular.** Revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, nº16,1995.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação.** In: Estudos Avançados vol.5 nº11 São Paulo Jan./Apr. 1991.
- CRUZ, Heloísa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa in: **Projeto História**, São Paulo, nº35. 2007
- FARINHA, Luís. **Portugal na Europa do Sul – da crise de 1890 ao sonho republicano : Pátria, Império e República.** Comunicação, Lisboa 2012.
- FILHO, Amílcar Torrrão. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam.**Cadernos Pagu – janeiro/junho de 2005. UNICAMP.
- KAMINSKI, Rosane. **A formação de juízos de gosto: Revistas ilustradas em Curitiba (1900-1920).** Artigo integrante do projeto: Características históricas e estéticas das revistas publicadas em Curitiba no começo do século XX.
- KRAMER, Lloyd S. **Literatura e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra.** In: A nova História Cultural. São Paulo Martins Fontes, 1992.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística.** São Paulo: Ática, 1998.

LOUSADA, Maria Alexandre. **Cidades de província e cultura provinciana**: a construção das identidades urbanas entre os finais do século XIX e a alvorada do século XX – XII Colóquio Ibérico de Geografia, outubro 2000

MACHADO, P. Ironita. **História e Imprensa**: um olhar sobre o olhar do Semanário A voz da Serra.

MÁRQUEZ, Miguel B. **Dr. Abelardo de Carlos y La Ilustración Española y Americana**. Âmbitos. Nº13-14. 2005 Universidade de Sevilla.

MATOS, Maria Izilda. **Deslocamentos e Histórias – Os Portugueses**. EDUSC. 1ª edição.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**, Porto Alegre: Faculdade de Educação - PUCRS/Curso de Pós-Graduação, 1999.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo **Gênero e imigração**: Imigrantes Portuguesas em São Paulo (1890-1930): Trabalho, Conflitos, Permanências e Mudanças. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

PEREIRA, Mirian Halpern. **A política Portuguesa de emigração**. (1850-1930) Lisboa, A Regra do Jogo, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIRES, Daniel. **Dicionário das Revistas Portuguesas do século XX**. Lisboa. Editora Contexto Lda., 1986.

SANTOS, Alda. **Occidente**: imagens e representações da Europa. Universidade de Coimbra, 2009.

SARDICA, José Manuel. **O século XX Português**: do ultimato as incertezas do presente. Textos Editores, 2011, Lisboa.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SOBRAL, José Manuel. **O Norte, o Sul, a raça, a nação** – representações da identidade nacional portuguesa (séculos XIX-XX) In: *Análise Social* vol. XXXIX, 2004.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**; notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental**. Porto. 1998.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história do jornalismo em Portugal** até ao 25 de abril de 1974. Universidade Fernando Pessoa. 1997.